

HISTORIOGRAFIA E CRÍTICA DE ARTE BRASILEIRA NO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE EM ANAIS DE EVENTOS CIENTÍFICOS DE 2000-2015

Profa. Dra. Maria do Carmo Couto da Silva¹ e Priscila Amorim Coser do Nascimento²

O presente trabalho é parte de um projeto de pesquisa mais amplo, desenvolvido no Instituto de Artes da UnB, intitulado “Contribuição para o mapeamento de vertentes da Historiografia da Arte no Brasil em anais de eventos científicos: 2000-2015”, coordenado pela Profa. Dra. Vera Pugliese, apoiado pelo CNPq.

Nossa participação, neste momento, ocorre em duas frentes de trabalho. Trata-se de um resultado ainda bastante inicial. Está sendo realizada a pesquisa PIBIC de Priscila Nascimento pelo IdA/UnB, com apoio da FUB/UnB, que tem como objetivo principal de promover um mapeamento e uma reflexão sobre o desenvolvimento de aportes teóricos-metodológicos na produção da crítica de arte no Brasil, por meio da análise dos textos publicados nos Anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP e do Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA, de 2000 a 2015, oferecendo desta forma subsídios para promover uma compreensão das pesquisas sobre o campo na produção acadêmica brasileira. Objetivamos identificar os críticos de arte que estão sendo estudados, assim como, os pesquisadores que se voltaram a este gênero de trabalho, fazendo uma investigação acerca do papel do crítico oitocentista no Brasil, sua formação intelectual, origem social e vínculo institucional, para facilitar a compreensão de suas principais concepções e práticas, dentro da crítica de arte, assim como perceber eventuais lacunas ainda existentes neste campo de estudo. Por meio da pesquisa será possível também traçar o perfil do crítico de arte no Brasil do século XIX.

Primeiramente, é importante salientar que a crítica de arte do século XIX é diversificada, como demonstra Dario Gamboni em suas *Proposições para o estudo da crítica de arte do século XIX*: “este conjunto é evidentemente heterogêneo, composto de toda sorte de textos, de autores e publicações tratando de assuntos diversos, e sua análise necessita de uma tipologia, ou melhor, tipologias”.³

Gamboni propõe também classificar a produção crítica do período em três pólos: o jornalístico, o literário, e o científico. Ao longo do século XIX na França, o pólo jornalístico se tornou dominante, enquanto o pólo científico foi se tornando objeto de uma especialização constituindo “a história da arte” e se voltando cada vez mais às obras do passado. Já o polo literário se vê marginalizado, sendo visto como “literatura pura”.

Porém, o próprio Gamboni diz:

¹ Docente do Instituto de Artes/VIS - Universidade de Brasília.

² Instituto de Artes/VIS - Universidade de Brasília, Graduação, Projeto de iniciação científica do ProIC e fomentado pela FUB/UnB.

³ GAMBONI, Dario. *Proposições para o estudo da crítica de arte do século XIX*. 19&20, Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012. Tradução de Arthur Valle.

Disponível em: < http://www.dezenovevinte.net/criticas/dgamboni_critica.htm >.

Percebemos, de imediato, que todas essas categorias foram praticadas por autores considerados como “críticos de arte”. Com efeito, os laços unindo o *Salon* ou, mais amplamente, a resenha de exposição, aos outros gêneros são numerosos e importantes, como testemunha o parentesco não somente de autores, mas também de órgãos de publicação, de canais de difusão e de públicos, assim como a complementaridade das funções. Dessa maneira, a fronteira separando a definição estreita e a definição ampla de crítica de arte se revela permeável e mesmo imprecisa, suscetível de se tornar objeto de debates e de constituir um tópico de discussão para os protagonistas, assim como para os seus historiadores. Eu proponho, portanto, considerar que, para compreender a estrutura da “crítica de arte” do século XIX, é necessário levar em conta *a priori* do conjunto da “literatura artística” do período.⁴

Sendo assim, por mais que sejam diferentes as tipologias, elas ainda sim são críticas de arte, cada uma com sua especificidade.

Ao pensar sobre a questão da crítica de arte percebemos que ela nos mostra como eram recebidas as obras de arte da época. Isso é muito importante para aprofundarmos questões sobre a recepção das obras de arte.

Outro ponto relevante é a forma como as obras de arte eram comentadas pelos críticos. Uma análise desses textos permite conhecer melhor o pensamento de cada crítico, diz muito da origem de quem as fez juízo. No Brasil alguns são artistas, como o Angelo Agostini e França Júnior, outros são literatos, como o já bem conhecido Gonzaga Duque, autor do livro *A Arte brasileira*, de 1888, e o Olavo Bilac. Dentre os jornalistas destacam-se Félix Ferreira, autor do livro *Belas Artes: Estudos e Apreciações*, de 1885, Pardal Mallet e Arthur de Azevedo, que era também dramaturgo e escrevia folhetins para a imprensa. Oscar Guanabara era crítico de arte e músico e escrevia sobre ambos os assuntos.⁵ Esses são somente alguns exemplos de como pela inexistência de profissionalização para a função de crítico, essas personalidades praticavam esse ofício juntamente com sua ocupação principal, fazendo com que seus escritos carreguem traços de suas profissões.

A crítica oitocentista permite também, desconstruir a imagem do século XIX criada pelos modernistas, Camila Dazzi faz a seguinte observação a respeito desse assunto em seu texto “*Crítica de Arte: uma nova forma de escrever o século XIX no Brasil*” presente no CBHA de 2014: “encarado genericamente como acadêmico e alienado – marcado pelo ‘afrancesamento’ da cultura brasileira, uma época de ‘pastiches’”. Essa, sem dúvida, foi uma das abordagens que mais limitaram a compreensão da arte desse período. [...] No entanto, a crítica brasileira, ainda no século XIX, foi diversa a esse pensamento,

⁴ GAMBONI, Dario. Proposições para o estudo da crítica de arte do século XIX. *19&20*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012. Tradução de Arthur Valle. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/criticas/dgamboni_critica.htm>.

⁵ GRANGEIA, Fabiana Guerra. A Crítica de Arte em Oscar Guanabara: Artes Plásticas no Século XIX. *19&20*, Rio de Janeiro, v. I, n. 3, nov. 2006. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/criticas/criticas_guanabarino.htm>.

acreditando que os pintores que estudavam na Europa eram capazes sim de absorver as inovações que por lá surgiam, estando, nas palavras de Gonzaga Duque, “plenamente antenados com a modernidade e com a arte do seu tempo”.⁶

Ao longo da pesquisa que é ainda parcial, como já foi dito, pudemos perceber a presença constante da crítica em artigos de história da arte. Seu uso no entanto tem sido mais frequente como fonte primária para informações sobre obras, artistas e exposições do que em uma análise do texto crítico propriamente dito. É importante pensar que um crítico faz a sua crítica a partir da sua formação ou da sua vinculação com certas tendências ou personalidades artísticas.

Em nosso projeto pretendemos mapear o perfil dos críticos brasileiros que estão presentes nos anais científicos mencionados acima, e entre eles, chamou-nos a atenção a personalidade de Angelo Agostini que, segundo Rosangela de Jesus Silva e Luciano Migliaccio, atuava no sentido de apoiar uma nova geração de artistas, como Rodolfo Bernadelli.

Para realizar sua crítica Agostini utilizou-se não apenas dos recursos textuais, mas também dos desenhos. Quando observamos as caricaturas de Agostini, percebemos o quanto a preocupação com o desenho está presente em seu trabalho. O seu traço não apresenta como principal característica a deformação da figura. Suas representações atuam mais como retratos que indicam com clareza de quem se trata e o que se quer mostrar. Além do desenho, as caricaturas vinham sempre acompanhadas de pequenas legendas salpicadas de comentários por vezes divertidos, irônicos ou mesmo bastante ácidos.⁷

Os desenhos de Agostini dedicados às Belas Artes eram tratados de diferentes formas. Uma delas foi a litografia da obra com o intuito de mostrá-lo ao público da revista, como fez, por exemplo, com algumas obras do escultor Rodolpho Bernardelli, nas quais exaltava a qualidade do trabalho do artista, representado em detalhes e com perfeição. Vale lembrar que a *Revista Ilustrada*, obra de grande vulto realizada por Agostini, circulava fora da capital, atingindo um público que não tinha um contato efetivo com o ambiente artístico da corte. Dessa forma, Agostini levava a este público seu parecer sobre as obras por ele escolhidas.”⁸

A historiografia da arte brasileira no século XIX

Outro objetivo de nossa comunicação, também parte do nosso projeto desenvolvida por Maria do Carmo Couto da Silva, docente do Ida/UnB, é dar início a uma análise sobre os historiadores brasileiros que construíram a história da arte do século XIX no Brasil. Já no início da pesquisa, deparamo-nos com um evento científico que se voltou à historiografia da arte brasileira, que foi o XIX Colóquio do Comitê

⁶Publicado em: XXIV Colóquio CBHA, 2014. Título: Crítica de Arte: uma nova forma de escrever o século XIX no Brasil. Autor: Camila Dazzi. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/textos/21_camila_dazzi.pdf

⁷SILVA, Rosangela de Jesus. Os Salões Caricaturais de Angelo Agostini. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/criticas/txtcriticas_rosangela.htm>

⁸Ibidem.

Brasileiro de História da Arte, em 2009, que se intitulou “Historiografia da arte no Brasil: um balanço das contribuições recentes”.

Nesse evento, que se iniciou com uma homenagem a Walter Zanini, em que Annateresa Fabris analisa a formação e a atuação como diretor de museu e escritos deste notável intelectual, encontramos ainda um importante perfil de Emanuel Araújo, também ele diretor por muitos anos da Pinacoteca do Estado e agora do Museu Afro-Brasil, inaugurado em 2004, cuja trajetória é comentada em texto de Roberto Conduru: “Ogum historiador? Emanuel Araújo e a historiografia da arte afrodescendente no Brasil”. Ambos os intelectuais, em suas atuações ligadas às instituições, tiveram participação fundamental na pesquisa e divulgação das obras de arte presentes nestes acervos, por meio das exposições e dos catálogos publicados por estas instituições.

De maneira geral, no entanto, é marcante a ausência de pesquisas acadêmicas como estas sobre historiadores importantes para os primeiros estudos de história da arte do século XIX, produzidos já no século XX. Muitos deles, em textos de crítica produzidos ao longo do século XIX e outros, publicados em periódicos já no século XX, manifestam a vontade de constituir uma história da arte no Brasil. A partir do levantamento realizado neste projeto, até agora bastante parcial, percebemos que esse tema foi pouquíssimo abordado, com um entendimento mais amplo e dirigido à constituição de uma historiografia da arte brasileira.

No entanto, podemos falar de um perfil de historiador que se volta ao século XIX brasileiro, sendo principalmente pintor, escultor, ilustrador ou gravador de destaque. O contato com a história da arte vem, em vários casos, do fato de quase todos terem frequentado a Escola Nacional de Belas Artes e conhecido pessoalmente os artistas de que tratam. É quase uma necessidade de não deixar cair no esquecimento artistas e obras que foram importantes para as gerações artísticas anteriores.

Um exemplo é o historiador Francisco Acquarone, que escreveu os livros *Mestres da Pintura no Brasil*, s.d., em parceria com Queirós Vieira; *História da Arte no Brasil*, em 1939; *Obras-Primas de Rodolfo Amoedo*, *Mestre da Pintura Brasileira*, em 1941; e *Primores da Pintura no Brasil* (1942), entre outros. Historiador, mas também pintor, desenhista, caricaturista, ilustrador, professor, crítico, escritor, jornalista, cursou a Escola Nacional de Belas Artes - Enba, onde foi aluno dos pintores Baptista da Costa, Modesto Brocos, Rodolfo Chambelland e Rodolfo Amoedo.

Quirino Campofiorito fundou o periódico mensal *Belas Artes* em 1935, que tinha justamente como função a divulgação artística no Brasil. Quirino é autor de um dos livros mais conhecidos sobre o século XIX brasileiro, em que procura abranger a arte no país desde o final do século XVIII até o final do século XIX. Outro historiador pouco conhecido é José Pinto Fléxa Ribeiro, como notam os estudos de Vinicius

Aguiar.⁹ O autor teve grande produção ligada à crítica e a história da arte publicada em periódicos brasileiros do começo do século XX. Ele também publicou diversos livros como *Filho D'Almeida* (1911), *Rubens e os flamengos* (1917) – tese apresentada para a cátedra de História da Arte da Escola Nacional de Belas Artes, *O Imaginário* (Pretextos de Arte) (1925), *Renan, Narciso* (da Arte, do Amor e da Moral), e a coleção *História Crítica da Arte*, com primeira publicação em 1962. Foi professor da Escola Nacional de Belas Artes e também seu diretor, de 1948 e 1952.

Aníbal Pinto de Mattos foi pintor, historiador da arte, professor e paleontólogo. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes com João Batista da Costa, Zeferino Da Costa e Daniel Berard. Ele teve uma atuação importante como também como agitador cultural em Belo Horizonte, como nota Rodrigo Vivas.¹⁰ Publicou vários livros sobre artes plásticas, teatro e arqueologia, entre eles: *O Sábio Dr. Lund e a Pré-História Americana* (1933); *Mestre Valentim e Outros Estudos* (1934); *Arte Colonial Brasileira* (1936); *Monumentos Históricos, Artísticos e Religiosos de Minas Gerais* (1935); *História da Arte Brasileira* (1937); *Das Origens da Arte Brasileira* (1937); *Pré-História Brasileira* (1938); *Peter Wilhelm Lund no Brasil* (1941); *Arqueologia de Belo Horizonte* (1947); *O Homem das Cavernas em Minas Gerais* (1961). Seu interesse sobre a pré-história brasileira é pioneiro entre os historiadores da arte no Brasil:

Mais conhecido como pintor, o autor foi também um grande entusiasta dos estudos sobre a pré-história brasileira, particularmente no que se refere à obra do naturalista dinamarquês Pieter Wilhelm Lund. Este volume reúne 14 textos com temáticas variadas, incluindo as espécies de mamíferos fósseis encontrados no Planalto Central do país até as relações culturais pré-colombianas, passando pela formação das grutas em geral e do terreno interno e externo das cavernas calcárias do rio das Velhas. Aníbal Mattos é autor de outras obras na Coleção Brasiliana.¹¹

Outro nome notável, que não pode ser esquecido é Alfredo Galvão, cuja trajetória tem sido estudada por Carlos Terra e que publicou textos referenciais para o estudo da arte do século XIX, como *Cadernos de Estudo da História da Academia Imperial das Belas Artes*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1958; *João Zeferino da Costa*, Departamento Gráfico do Museu de Armas Ferreira da Cunha, Rio de Janeiro, 1973 e *Subsídios para a História da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes*, Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1954.

Por outro lado, temos um personagem como Herman Lima, que dedicou parte de sua vida à literatura. No Rio de Janeiro, como funcionário público do Ministério da Fazenda, entre 1943 e 1963, desenvolveu na Biblioteca Nacional uma ampla pesquisa sobre a história da caricatura brasileira, inspirado

⁹ AGUIAR, Vinícius (org). Fléxa Ribeiro: Trechos d'O Imaginário (Pretextos de Arte). 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 4, out./dez. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artigos_imprensa/alexaribeiro01.htm>.

¹⁰ VIVAS, Rodrigo. Aníbal Mattos e as Exposições Gerais de Belas Artes em Belo Horizonte. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 3, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/rv_am.htm>.

¹¹ Texto do Projeto Brasiliana Eletrônica.

Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/290/pre-historia-brasileira-varios-estudos>
Acesso em 29/11/2017.

pela caricatura européia que conheceu em Londres, anos antes. Mais tarde, com o apoio da editora José Olímpio, publicou os quatro volumes que compõem a obra:

Os quatro volumes da *História da caricatura no Brasil* foram escritos por um homem sozinho, sem estagiários, sem equipe, em trabalho obsessivo de fanático, a arruinar a vista na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional. A vista que já quase não lhe valia, quando afinal morreu em 21 de junho de 1981. Ao longo daqueles vinte anos, Herman Lima publicou alguns trabalhos avulsos que, depois, acabariam por se incorporar ao grande livro. Não se incluem neste caso os hoje raríssimos álbuns também publicados naquela fase: *Rui e a Caricatura* (1949), *J. Carlos* (1950) e *Álvarus e seus bonecos* (1954); nem as crônicas reunidas no *Roteiro da Bahia* (1953) e nem seu trabalho de crítica literária.¹²

Sobre Donato Mello Junior, arquiteto e autor de livros sobre Pedro Américo e Facchinetti e de uma grande pesquisa sobre o trabalho de Landi em Belém na primeira metade do século XIX, temos apenas análises de seu trabalho por Abel Pereira, por ocasião de sua morte, de Victorino Miranda, em trabalhos publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e o estudo de Wesley Kettle e Moema Alves, que ressaltam:

Historiador da arte e pesquisador dos estilos artísticos, Donato Mello Júnior preocupou-se, em sua produção acadêmica, no enquadramento das edificações em estilos, localizando o início do processo de classicização das artes em Portugal e especialmente no Brasil no final do século XVIII e início do século XIX. Seu levantamento documental sobre a vinda do grupo de artistas franceses para o Brasil, em 1816 – conhecida como Missão Artística Francesa – é uma importante contribuição.¹³

Funcionário do Museu Nacional de Belas Artes, o pesquisador dedicou-se a pesquisar temas concernentes ao acervo como a obra de Vitor Meireles e os projetos arquitetônicos de Grandjean de Montigny. Sua produção historiográfica foi publicada regularmente nos Anais e revistas daquele museu.

Neste primeiro levantamento, procuramos traçar perfis de autores que se dedicaram a mapear e escrever uma história da arte voltada ao século XIX. Faltam-nos ainda nomes de pesquisadoras, mulheres que tenham desenvolvido trabalhos na área, como Celita Vaccani,

Concluindo, entendemos que estudar a produção sobre a crítica e historiográfica da arte no Brasil, voltada mais especificamente ao século XIX, e o sentido de suas obras será tarefa para uma nova geração de historiadores, como um campo de pesquisa em desenvolvimento, mas procurando também compreender as suas ausências.

¹² LUSTOSA, Isabel. Roteiro para Herman Lima. Publicado no catálogo da exposição "Outros céus, outros mares", comemorativa do centenário de Herman Lima, realizada na Casa de Rui Barbosa de 5 de novembro a 4 de janeiro de 1998. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB_IsabelLustosa_Roteiro_HermanLima.pdf Acesso em 01/12/2017.

¹³ KETTLE, Wesley; ALVES, Moema Em busca da paternidade: Landi e a invenção da cidade histórica. *Revista Estudos Amazônicos*. Vol. III, nº 2, p. 27-39, 2008.

Referências Bibliográficas

ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – site da entidade, com acesso aos anais dos eventos digitalizados. Disponível em www.anpap.org.br. Acesso em: 15/03/2017.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – site da entidade, com acesso aos anais dos eventos digitalizados. Disponível em www.cbha.art.br. Acesso em: 15/03/2017.